

“Vida de equilibrista”? Modos de ser Mãe e Trabalhadora: Trajetórias de Mulheres em Diferentes Contextos Sociais

Lisandra Espíndula Moreira¹

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil

Henrique Caetano Nardi

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil

Resumo

Essa pesquisa analisou os enunciados que produzem o sentido da articulação entre maternidade e trabalho para mulheres inseridas em diferentes contextos sociais. Utilizamos relatos das trajetórias de vida de mulheres que são mães e trabalhadoras, analisando-os dentro do contexto histórico que o tornou possível, compreendendo-o a partir dos lugares sociais ocupados por essas mulheres. Colocamos em questão a posição atribuída a mães trabalhadoras, além de atentar para a constituição social desses campos, demonstrando o quanto eles estão implicados mutuamente. O trabalho produz modos de ser mãe – através da utilização de tecnologias da medicina pela mãe profissional da saúde, através da aplicação de estratégias de gerenciamento pela mãe gestora, através da deslegitimação moral da mãe prostituta. A maternidade, por sua vez, produz modos de trabalhar – através da incitação dessas mães para que sejam mais dóceis e afetuosas constroem-se mudanças nos modos de trabalhar. Tomar essa articulação entre maternidade e trabalho como um problema, tem como um de seus efeitos responsabilizar as mulheres isoladamente pelo exercício dessas funções da forma como ela é legitimada.

Palavras-chave: Maternidade; Trabalho; Enunciado; Mulher.

“Life of Acrobat”? Ways of Being Mother and Worker: Women Trajectories in Different Social Contexts

Abstract

This research analyzed the statements that produce meaning's articulation about the relationship between work and motherhood for women belonging to different social contexts. We analyzed working mothers' life trajectories considering the social position occupied by them in the historical context that made them possible. We question the position attributed to these women; we also paid special attention to the social construction of these fields (work and motherhood) showing how they are mutually implicated. Work produces ways of being mother – through medical technologies for the health worker mother, through managing strategies for the manager mother, through the moral delegitimization of the prostitute mother. Motherhood, on its turn, produces working ways – through incitation of these mothers to be more docile and affective in the workplace. Taking this articulation between motherhood and work as a 'problem' has a responsibility effect on women, once they are considered the only responsables for the caring tasks by the way the exercise of motherhood is legitimized.

Keywords: Motherhood; Work; Statement; Woman.

Pensando o Problema

Articular maternidade e trabalho tem sido colocado como um grande desafio para as mulheres atualmente (Moreira & Nardi, 2007). Na contemporaneidade, o exercício dessas duas funções – maternidade e trabalho – é produzido como um grande problema² para as mu-

lheres que são mães e que trabalham. O presente artigo busca refletir através de trajetórias de vida de mulheres inseridas em diferentes contextos sociais como maternidade e trabalho se articulam.

Dessa forma, buscamos pensar como essa problemática é produzida por diferentes discursos que legitimam e constroem as diferentes maternidades e formas de trabalhar contemporâneas. Tomar essa articulação como um problema é uma produção contingente que tem como um de seus efeitos responsabilizar as mulheres pelo exercício dessas funções da forma como ela é legitimada – não se trata de qualquer modo de trabalhar ou qualquer modo de maternar.

Além disso, tratar a maternidade e o trabalho como um problema, é pensar também que a ele caberia uma

¹ Endereço para correspondência: Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Campus Universitário – Trindade, Florianópolis, SC, Brasil, CEP 88040-500. *E-mail:* lisandram@ig.com.br

² Utilizamos especificamente aqui a palavra problema no sentido negativo atribuído a ela, como uma complicação, um entrave, um obstáculo a ser superado.

“solução”. É nessa solução que se inscrevem as prescrições sobre o modo mais adequado de ser mãe e de ser trabalhadora, capturando sujeitos e produzindo modos de subjetivação específicos.

Objetivos

Para além de colocar a articulação entre maternidade e trabalho como um dilema, essa pesquisa³ teve como objetivo principal compreender como trabalho e maternidade se articulam nos processos de subjetivação de mulheres inseridas em diferentes contextos sociais. Nesse sentido, compreender como os enunciados são colocados quando mulheres de diferentes contextos sociais se reconhecem como mães e como trabalhadoras ao relatarem suas trajetórias de vida.

Método

Pensando sobre Genealogia, Trajetórias de Vida e Enunciado/Discurso

A fundamentação teórica desse trabalho está organizada em três eixos principais, que logicamente não são autônomos, pois estão permanentemente articulados. Os três eixos serão pensados partindo das teorias de Foucault: (a) a genealogia – entendida como uma perspectiva, uma forma de olhar o presente; (b) a utilização do relato das trajetórias de vida como método para produção de materiais acerca da maternidade e do trabalho e (c) Reflexão sobre a análise, tomando os conceitos de enunciado e discurso como ferramenta para pensar os materiais produzidos.

A genealogia está sendo utilizada como uma forma de pensar o presente. “Porque o presente não é só o contemporâneo. É também um efeito de herança, e a memória de tal herança nos é necessária para compreender e agir hoje” (Castel, 1998, p. 23). Nesse sentido, a genealogia contrapõe-se a noção de história⁴ porque não se preocupa com o passado, especificamente, rompendo com a lógica da linearidade. Entende, então, a história partindo da idéia de proveniência – herança, conjunto de falhas, fissuras, inscrição dos acontecimentos no corpo – e da idéia de ponto de emergência – o surgimento como fruto de uma luta de forças (Foucault, 1995).

Trabalhar com as trajetórias de vida, partindo de uma perspectiva genealógica é não estar em busca de uma

linearidade dos fatos narrados, mas escutá-los como percursos que foram percorridos. Nesse espaço da narrativa, passado, presente e futuro se misturam e não há necessidade ou intenção de separá-los na análise, mas entender o tempo como um dos elementos que posicionam essas mulheres, tornando possíveis as falas que foram ditas.

No relato das experiências de vida, é possível analisar a relação das mulheres consigo mesmas e com o contexto social no qual elas se inserem. Além disso, é possível compreender e descrever como a articulação entre trabalho e maternidade atravessa os processos de subjetivação dessas mães trabalhadoras, explicitando os enunciados que constituem maternidades e trabalhos hoje. O entendimento dos processos de subjetivação dessas mulheres não acontece mergulhado somente nas suas histórias individuais, como se ali estivesse a razão ou o sentido último para as suas falas, mas na articulação dessa trajetória com o contexto histórico mais amplo. A relação entre a história pessoal e a história social é de permanente implicação, o sujeito é produzido socialmente, mas também constitui o social ativamente.

Para o pesquisador tirar qualquer conclusão do material é necessário situar seus sujeitos em um contexto social e histórico. Sem essa ‘contextualização’ (um tipo de representatividade *post ipso facto*), o qualitativo não acrescenta grande coisa à reflexão acadêmica. Sem fornecer detalhes sobre o ‘lugar’ sociológico/histórico dos entrevistados, parece estarmos lidando com ‘A mulher’, ‘O homem’ – sujeitos eternos e ahistóricos (Fonseca, 1999, p. 61).

Nesse estudo, o objetivo é justamente pensar através desses contextos sociais quais as posições possíveis desse sujeito, ou seja, como essas características também produzem lugares para o sujeito nos diferentes discursos. Buscamos entrevistar mulheres com distintas origens e inserções sociais⁵, levando em conta marcadores como: nível de escolaridade, faixa de renda, tipo de inserção no mercado de trabalho, faixa etária e cor da pele.

A reconstrução discursiva da trajetória de vida das participantes foi elaborada em entrevistas agendadas em contato prévio. Ao todo, participaram da pesquisa 14 mulheres, contatadas através de redes institucionais ou pessoais, residentes em Porto Alegre, no Brasil. Na entrevista, inicialmente, as participantes forneciam algumas informações objetivas sobre seu contexto social e

³ Esse trabalho é parte da pesquisa de mestrado da primeira autora (Moreira, 2008), sob orientação do segundo autor. Durante a realização desse estudo a mestranda contou com o apoio de uma bolsa fornecida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

⁴ Ao longo do texto, sempre que utilizamos a palavra história e seus derivados, estaremos compreendendo-as dentro de uma perspectiva genealógica e não com o sentido linear ou evolucionista.

⁵ Nesta pesquisa não utilizamos como critério de seleção o fato destas mulheres terem optado ou não pela maternidade, uma vez que acreditamos que a ‘escolha’ em si é influenciada pelo contexto social. Certamente outras pesquisas que utilizassem este critério encontrariam relatos diversos.

em seguida eram solicitadas a falar da sua história de vida⁶. No Anexo, apresentamos o roteiro guia, com questões elaboradas a partir da revisão bibliográfica buscando destacar os aspectos relativos à relação trabalho/maternidade/contexto social.

Partindo das trajetórias de vida das mulheres e do ponto de articulação entre trabalho e maternidade, buscamos elementos para construir uma análise genealógicamente inspirada, compreendendo as tensões que se fazem presentes nas relações entre os modos de trabalhar e os modos de maternar em diferentes contextos sociais. Tal forma de análise está relacionada com os conceitos foucaultianos de enunciado e discurso⁷.

Trabalhar com os relatos, a partir dessa perspectiva, é tomá-los como um campo de possibilidades e de atravessamentos de discursos. Nesse trabalho analítico dos relatos não temos a intenção de atribuir-lhes um significado último para as falas ou tentar descobrir o que a pessoa ‘queria dizer’ com o que disse. Essa seria uma operação ilusória. Nesse sentido, conforme Narvaz et al. (2006), tal análise se mantém fora de qualquer expectativa de desvelamento ou interpretação:

às coisas ditas, não se pergunta aquilo que escondem o que nelas ou apesar delas estava dito, o não-dito que recobrem, a abundância de pensamentos, de imagens ou de fantasmas que as habitam. Ao contrário, a análise é mais uma pergunta, uma investigação acerca dos modos segundo os quais algo é dito, por que e com que interesses; busca compreender as marcas deixadas pelo que foi dito. (Narvaz et al., 2006).

Tomamos o conceito de enunciado não como unidade última para análise, mas como “unidade significativa em um espaço em que ela se multiplica e se acumula” (Foucault, 2005, p. 112). Nem toda fala pode ser então considerada um enunciado. Uma seqüência de elementos lingüísticos só é um enunciado se estiver imersa em um campo enunciativo em que apareça como elemento singular e quando faz referência a um lugar

de enunciação, ou seja, qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser sujeito desse enunciado.

Tornar-se um enunciado, de certa forma, é o que possibilita que uma expressão seja entendida num certo tempo e isso só ocorre pelas condições políticas daquele contexto:

O enunciado não é, pois, uma estrutura (isto é, um conjunto de relações entre elementos variáveis, autorizando assim, um número talvez infinito de modelos concretos); é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles ‘fazem sentido’ ou não, segundo que regras se sucedem ou se justapõem, de que são signos e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita). (Foucault, 2005, p. 98).

Descrever e compreender um enunciado, objetivo ao qual nos propomos nesse estudo, em especial aos enunciados relacionados à maternidade e ao trabalho, é ao invés de relacioná-lo a um campo de objetos ou a um sujeito, fazer entender a sua relação com um campo enunciativo adjacente. Descrever um enunciado não fecha uma questão, ao invés disso, abre mais possibilidades de relações.

Não há enunciado que não suponha outros; não há nenhum que não tenha em torno de si, um campo de coexistência, efeitos de série e de sucessão, uma distribuição de funções e de papéis. Se se pode falar de um enunciado, é na medida em que uma frase (uma proposição) figura em um ponto definido, com uma posição determinada, em um jogo enunciativo que a extrapola (Foucault, 2005, p. 112).

É no entendimento desse campo enunciativo que podemos situar a relação do enunciado com os discursos. O discurso então seria “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram em uma dada época e para uma determinada área social as condições de exercício da função enunciativa” (Foucault, 2005, 133). Por sua constituição histórica, o discurso não é de forma alguma estável ou uniforme, ele pode ser considerado uma série de elementos descontínuos.

É exatamente o discurso, como conjunto de regras enunciativas, que dará sentido a um enunciado, emprestando-lhe maior ou menor legitimidade. Além disso, um enunciado pode fazer referência a mais de um discurso, que em alguns momentos podem estar associados e em outros contrapostos. Se os diferentes discursos atravessam os enunciados e a partir desse atravessamento os enunciados passam a receber valor de verdade, há uma estreita associação entre os discursos e as relações de poder.

⁶ A pesquisa passou pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Instituto de Psicologia da Universidade. As participantes receberam informações sobre a pesquisa e assinaram um Termo de consentimento livre e esclarecido. Para preservar a identidade das participantes, tomamos algumas medidas: os nomes são fictícios, as idades podem variar dentro de um intervalo de três anos e o trabalho é citado através da área de atuação, conforme orientações do CEP.

⁷ Cabe salientar que Foucault não estabeleceu com esses conceitos uma análise de discurso tal como concebida nas análises de cunho lingüístico e/ou ideológico. Nos seus trabalhos o objetivo principal é a análise das formações discursivas, buscando entender as regras comuns que regem a formação dos discursos (Narvaz, Nardi, & Morales, 2006). No entanto, acreditamos ser possível utilizar os conceitos de enunciado e discurso como ferramentas analíticas para trabalhar com os relatos numa perspectiva genealógica.

Maternidade e Trabalho: Equilibrando Diferentes Pesos

Os materiais produzidos através dos relatos das trajetórias de vida das participantes da pesquisa apontaram para algumas questões específicas de cada um dos temas: trabalho e maternidade. É importante colocar que essas funções não se mostram fixas como se sempre tivessem o mesmo peso, tanto para as diferentes mulheres, quanto para os diferentes momentos históricos.

Em relação à maternidade, é possível delimitar uma intensificação dos investimentos discursivos referentes às mulheres nas últimas décadas (Fidalgo, 2003; Forna, 1999; Meyer, 2006). Essa maternidade, apesar de ser produzida socialmente e ensinada em diferentes instâncias culturais, como políticas públicas (Klein, 2005), mídias (Marcello, 2005; Schwengber, 2006) e instâncias religiosas (Anjos, 2007), passa a ser naturalizada e funciona associando algumas características a um modo de ser mãe considerado ideal (Moreira & Nardi, 2008). Esse processo, segundo Meyer (2006), tornou-se possível no cruzamento de diferentes discursos, em especial: o técnico-científico; o do direito (da mulher, da criança); o neoliberal e o da globalização.

É na atualização da norma a partir da qual as mulheres mães são chamadas a exercer essa função que se produz a idéia de uma igualdade feminina (“Mãe é tudo igual”). A ‘igualdade materna’, além de ser um efeito discursivo, refere-se mais ao conjunto de exigências que são colocadas para as mulheres enquanto mães do que a uma uniformidade no modo efetivo com que elas exercem a maternidade. Dentre as exigências associadas a esse modo de ser mãe, considerado mais adequado, estão: o tempo (idade) certo/a para ser mãe, o número de filhos (um é pouco, dois é bom, e três é demais) e algumas condições financeiras. A partir dessa maternidade, outros modos de ser mãe são avaliados e hierarquizados.

Quanto ao trabalho, apesar de haver muitos questionamentos teóricos sobre a sua relevância diante das profundas transformações sofridas nas relações de trabalho, em especial o trabalho no formato de emprego (Nardi, 2006), na fala dessas mulheres, ele ainda assume um espaço importante, seja pela necessidade de sobrevivência ou pelo sentimento de utilidade. Tais transformações tornaram o trabalho mais precário e/ou flexível (Castel, 1998), trazendo a instabilidade como marca na fala dessas diferentes trabalhadoras (Bauman, 1998). A possibilidade dessas mulheres ingressarem ou se manterem trabalhando fica marcada por diferentes aspectos do seu contexto social, em especial o seu nível de escolaridade, sua cor/raça, sua trajetória profissional anterior.

Para aquelas que possuem uma melhor colocação no mercado, há um imperativo da busca constante de qualificação (Tittoni, 2007). Essa busca cria uma sen-

sação de segurança provisória, a qual supostamente autonomizaria a relação com o emprego atual, porque se a trabalhadora satisfaz as exigências do mercado, ela pode circular mais facilmente de um posto a outro. Já para aquelas que não possuem uma posição formal no mercado, algumas estratégias são relatadas, em especial, o trabalho com movimentos sociais mostrou-se uma importante forma de inserção.

Nesse sentido, fica evidente o quanto o peso de cada uma dessas esferas está sempre em transformação, tanto historicamente, quanto para cada uma dessas mulheres, conforme o contexto social em que se insere. Além disso, as próprias transformações históricas nos modos de ser mãe ou de ser trabalhadora estão implicadas mutuamente.

Apesar dessa construção social sobre cada uma dessas esferas parecer de certa forma tão intensa nos diferentes enunciados que conformam o trabalho e maternidade hoje, há relatos que colocam esse “problema” em questão. Quando tomamos as trajetórias de vidas das participantes da pesquisa, essa articulação vai mostrando novos contornos, nem sempre considerados como um problema. No relato da trajetória de vida de Lisete, a articulação entre maternidade e trabalho não surge como uma questão importante. Lisete tem 53 anos, é branca, está casada desde os 16 anos, tem 3 filhos, trabalha na área de limpeza e sua renda familiar não chega a dois salários mínimos. Poderíamos pensar que essa característica estivesse relacionada com o fato de seus filhos serem independentes. Entretanto, não se restringe ao momento atual, fala também dessa forma do momento em que tinha os filhos pequenos: “*Já tinha a mais velha, já tinha todos, quando eu comecei a trabalhar. A mais nova, que está com 22 agora, era pequeninha, daí a mais velha cuidava da pequena quando eu comecei a trabalhar. Cuidava dos irmãos.*”

Pensando genealogicamente, naquele momento a influência de um discurso científico psicológico sobre o desenvolvimento infantil, ou até mesmo um discurso jurídico sobre os direitos da criança não era tão intensa. Isso fica muito evidente na tranquilidade com que Lisete organizava o cuidado dos filhos mais novos (sendo que a pequena tinha oito meses), pela filha mais velha que na época tinha 12 anos.

Na fala de Raquel a construção histórica de diferentes enunciados que produzem no final da linha essa articulação como um problema feminino atual fica muito evidente. Raquel tem 29 anos, é negra, tem um filho de 11 anos, é solteira, trabalha na área político partidária e a renda familiar é de 2 a 5 salários mínimos:

E que antes elas [a mãe e a avó] podiam sair para rua só para trabalhar. Hoje a gente tem que sair para rua para trabalhar, estudar, fazer curso. Antes era fácil, tu podia sair e deixar teu filho com qualquer pessoa, hoje não dá. Antes as mães aceitavam mais ficar com os filhos da gen-

te. Hoje não, o que eles querem, elas querem ir para o bingo, para o baile da terceira idade.

Explicitam-se as mudanças no mercado de trabalho, que exige uma qualificação constante, ao mesmo tempo em que cuidar de uma criança passa a ter regras mais rígidas, em função do medo da violência e da definição dos direitos da criança e do adolescente, ou ainda por haver uma oferta maior de entretenimento para mulheres mais velhas, fazendo com que o cuidado dos netos não seja mais uma atividade muito atrativa. É com esses movimentos que Raquel justifica a sua percepção de que hoje a articulação entre trabalho e maternidade se tornou mais difícil que na época da sua mãe ou da sua avó.

Além das diferenças geracionais e de idade dos filhos, a possibilidade de exercer a maternidade e o trabalho, sem que a operacionalização dessas tarefas seja tomada como um problema em si, está associada com os contextos sociais em que estão inseridas as mulheres. Na fala de Lisiane:

Agora minha irmã já está ajudando a criar os meus. Então na minha casa sempre tem gente que possa ficar com as crianças... Então a gente sempre se reveza com isso, mesmo que no final do mês a gente vai quebrar o pau de novo, mas é tranquilo assim com as crianças.

Lisiane tem 28 anos, é negra, solteira, tem três filhos, atualmente está fazendo o ensino médio e trabalha na área de assistência social, a renda familiar não chega a dois salários mínimos. Para Lisiane a articulação entre a maternidade e o trabalho se torna possível também através da sua rede familiar e pela forma como está organizado o seu contexto, morando no mesmo pátio que sua mãe e suas irmãs. Além disso, podemos pensar que a utilização dessa rede é permitida nesse contexto porque alguns enunciados sobre maternidade, que responsabilizam unicamente a mãe pelo cuidado do filho, não sejam tão intensos.

“Quem Tem Filho Trabalha Diferente” – Maternidade Produzindo Modos de Trabalhar

Os enunciados que constituem trabalho e maternidade vão sendo colocados por essas mulheres de forma entrelaçada. Refletimos aqui sobre alguns enunciados que demonstram o quanto o reconhecimento dessas mulheres como mães produz efeitos na forma como exercem seu trabalho ou vice-versa – o quanto o reconhecimento como trabalhadoras possibilita modos de ser mãe.

Em relação ao exercício da maternidade, a adequação a alguns modos de ser mãe possibilita modos de trabalhar ‘diferentes’. Isso fica bastante claro para algumas mulheres que por terem sido mães depois de já estarem trabalhando, ressaltam uma grande mudança

(na maioria das vezes entendida como uma melhora) na esfera profissional. Débora tem 31 anos, é branca, tem uma filha de 1 ano e meio, trabalha na área jurídica, é casada e a renda da família está na faixa de 5 a 10 salários:

Eu acho que a gente muda, quando a gente se torna mãe eu acho que a gente muda muito, pessoalmente, eu acho que a maneira como eu atendo os meus clientes hoje é diferente de como eu atendia antes de ser mãe, eu acho que eu mudei totalmente depois de ser mãe. Tu ficas mais tolerante.

Essa mudança pode ser entendida pensando na intensificação de alguns enunciados sobre o que é ser mãe. Isso também demonstra o quanto esses enunciados, para além de estabelecer um modo de maternar – vinculado à imagem de uma “boa mãe”, afetuosa e tolerante, características necessárias para um bom desenvolvimento infantil – passam a estabelecer um modo de se viver, nesse caso também um modo de trabalhar.

Esse movimento fica muito intenso no caso das trabalhadoras que desenvolvem atividades de cuidado infantil, seja na área da saúde ou na área da educação. Mesmo que, enquanto trabalhadoras já se posicionavam tomando como prumo enunciados sobre cuidado infantil, parece que ao tornarem-se mães, tais enunciados tomaram uma proporção muito maior, produzindo um modo de ser muito mais identificado com essa função.

No relato de Denise, ela imaginava que seria mais fácil assumir a função de mãe pelo fato de trabalhar com crianças. Denise tem 27 anos, é branca, trabalha na área da educação, é casada, tem uma filha e a família tem uma renda entre 2 e 5 salários mínimos. Para ela, a própria maternidade possibilitou modificar a forma de trabalhar. Esse outro modo de trabalhar com a criança a partir da vivência da maternidade continua marcado pelos enunciados que produzem um modo de ser mãe – a preocupação com o bem-estar infantil e a tolerância:

Eu já vi forçar a comer... Tu vai pensar duas vezes antes de fazer com o filho dos outros, por mais que tu queiras, que ele se alimente, mas tu vai arranjar uma outra forma de fazer isso, do que colocar comida na boca, então, quando tu és mãe tu pensa nisso, tu pensa antes nas coisas que tu vai fazer em função do teu filho.

Na trajetória de Iara, que também trabalha na área da educação novamente aparece esse movimento – o tornar-se mãe como produtor de mudanças no trabalho. Iara tem 40 anos, é branca, casada, tem 3 filhos, trabalha na área da educação e a renda familiar é maior do que 20 salários mínimos: “Mas eu acho que mudou, foi minha vida, minha maneira de ver o mundo, trabalhar com meus alunos. Coisas que eu comecei a fazer com meus alunos que eu não fazia, no sentido assim de poder entender eles diferente.”

Pensamos que o tornar-se mãe está sempre sendo associado a uma pedagogia do cuidado, representada pela necessidade de docilização⁸ que essas mulheres são incitadas a apresentar. Nesse sentido, sendo continuamente ensinadas a demonstrar seus afetos e essa demonstração, assim como a ligação afetiva que passam a ter com essas crianças, é entendida como a grande responsável pelo bom desenvolvimento infantil. A mudança necessária para se encaixar nesse modo de ser mãe estaria, então, relacionada também com uma maior afetividade no trabalho, principalmente naqueles trabalhos que lidam diretamente com criança.

Esse movimento traz consigo alguns efeitos importantes nos modos de subjetivação e podem colocar em evidência as questões do trabalho. Na trajetória de vida de Aline, o tornar-se mãe, além de lhe possibilitar uma forma mais afetiva de trabalho (com crianças na área da saúde) lhe expõe ao fato de serem crianças em situação de doença o que gera um grande sofrimento. Aline tem 29 anos, é branca, trabalha na área de saúde direcionada para o atendimento a criança, é casada, tem uma filha e a renda familiar está entre 10 e 20 salários mínimos:

No início eu chorei no trabalho e mudei, também. Eu sempre fui bem emocional, assim, bem afetiva com as crianças, eu sempre tive pena dos pais, que eu trabalho numa área que é um lugar bem difícil de trabalhar, que tem casos assim, que não tem como tu não te emocionar. Eu me identifiquei muito, quando morre algum nenê, ver aquela mãe sofrendo. Eu acho que até depende, eu acho que quem tem filho trabalha diferente de quem não tem filho, na minha área. Isso é uma coisa que eu cheguei a concluir, mas também não é tanto assim.

Em relação ao trabalho, a articulação com a maternidade parece fragilizar a atuação de Aline. Por um lado afirma que se tornou mais emocional e que isso parece ser interessante para que mantenha um vínculo afetivo com os pacientes e com os familiares. Por outro lado, Aline sente-se frágil com isso e espera que essa fase termine, como expressa na fala:

Mas agora assim, eu tenho que ficar me cuidando porque eu tenho me colocado no lugar daquela mãe, sabe, ah, se fosse a minha filha como é que eu ia estar, mas não dá pra fazer isso porque se não tu acaba não conseguindo trabalhar. Mas eu fiquei mais, não sei, dizem que é no início assim. Mas tem que parar mesmo, pra continuar trabalhando tem que parar.

Esse movimento de tornar-se mais afetiva parece estar presente também no relato de Michele, mas com outros contrastes. Michele tem 35 anos, é branca, mora com companheiro, tem dois filhos, trabalha na área de

informática como gestora. A família tem uma renda de mais de 20 salários mínimos, sendo que 90% vem do trabalho de Michele. Na sua vida profissional, o que é muito apreciado é a objetividade, a praticidade. Se pensarmos que o movimento inicial de tornar-se mãe colocaria a mulher numa rede de enunciados que busca a docilização, podemos entender porque o seu retorno ao trabalho não foi muito tranquilo:

Quando eu voltei, eu senti uma coisa muito ruim no trabalho assim, pra mim foi mais difícil eu me adaptar ao trabalho do que, parecia que não era mais o meu trabalho, veio culminar com algumas observações que fizeram tipo assim, tu não tava aí tava tudo bem agora que tu chegou.

Há na fala de Michele uma tensão representada pelos enunciados que solicitam modos diferentes de ser, no trabalho e no exercício da maternidade. É nesse embate que se produz uma cisão importante na forma como ela se define como trabalhadora e na forma como se define como mãe: “*Mas eu sou prática no meu trabalho; com ele [o marido] e com os meus filhos às vezes sou meio enrolada, não consigo ser tão prática, não consigo separar as coisas quanto eu faço aqui, aquela coisa de mãe.*”

Por meio da análise e da descrição dos diferentes enunciados que definem o trabalho, a maternidade e as suas articulações, entendemos que eles estão implicados intimamente. Tanto os modos de ser mãe, quanto os modos de ser trabalhadora, não se restringem às tarefas específicas de cada uma dessas esferas (o cuidado infantil ou o fazer no trabalho), mas produzem modos de ser dessas mulheres. A vivência dessa articulação como produtora de maior ou menor sofrimento parece também estar relacionada com a possibilidade dos discursos que legitimam um modo de ser trabalhadora não se contraporem diretamente aos discursos que legitimam um modo de ser mãe.

Filho da Profissional da Educação, Filho da Profissional da Saúde, Filho da Profissional do Sexo... Trabalho Produzindo Maternidades

Nessa reflexão acerca das recíprocas implicações entre maternidade e trabalho para essas mulheres, cabe pensar naqueles enunciados que associam o trabalho como produtor de maternidades. Ou seja, o trabalho marca modos diferentes de ser mãe para algumas mulheres, fazendo com que questões da sua atuação ou formação profissional constituam modos de ser filho ou filha. Como nos coloca Aline através de sua fala:

Eu vou te ser bem sincera, que eu achei que eu ia tirar de letra, por ser profissional da saúde. E a Manoela já na eco fetal já mostrou uma dilatação no sistema urinário, podia ter refluxo urinário, saiu do hospital tomando medicação pra refluxo urinário, filha de profissional da saúde.

⁸ Docilização no sentido dessas mulheres tornarem-se dóceis. Dócil (2009) significa submisso, obediente, flexível, maleável.

de, aí fez ecografia, fez outro exame bem chato que coloca uma sonda na uretra, injeta contraste, faz radiografias seriadas pra ver se tem refluxo mesmo ou não e graças a deus não tinha, mas nesse meio tempo ela começou com refluxo gastroesofágico, começou a fazer cianose, se afogar pra dormir, era um estresse no início porque ela tinha dor, por causa do refluxo, chorava o tempo inteiro, tinha que mamar e ficar com ela uma meia hora com ela no colo de pé, par ela não vomitar e não voltar.

Talvez em outro contexto, os sinais que a filha apresentava fossem entendidos de outra forma e seriam também encaminhados de maneira diferente. Os processos de subjetivação presentes no relato de Aline são marcados por um modo de trabalhar que está diretamente atravessado pelo discurso médico, produz um modo peculiar de maternidade. Nesse contexto específico a experiência foi relatada com sofrimento, pelo fato do discurso que se propõe como verdade não conseguir dar conta da situação.

Já no relato de Márcia, que exerce uma função gerencial, a maternidade é legitimada através dos discursos que atravessam e constituem o gerenciamento em empresas privadas, em especial o discurso neoliberal – prezando pela competitividade, estabelecimento de prioridades no atendimento de demandas, escassez de recursos, etc. Márcia tem 38 anos, é branca, casada, tem dois filhos, trabalha como gestora. A renda familiar está acima de 20 salários mínimos. Quando falava do número de filhos na sua família de origem, coloca que no caso de uma família extensa, os filhos “já nascem competindo.” Numa situação onde a sua filha foi internada, ela teve que se dividir com os familiares para ficar no hospital. Márcia ia trabalhar meio turno e depois ficava com a filha, mesmo no hospital trabalhava com um notebook: “eu tinha que atender as demandas.” As demandas não se referem apenas ao trabalho, mas também aos filhos, como fica claro no relato de uma carta que sua filha lhe escreve: “Ela deixou uma carta enorme para mim, passei mal dois, três dias, disse tudo e mais um pouco, me cobrando, das minhas prioridades, era o que dava a entender, resumindo ela estava pedindo mais atenção.”

No entanto, o trabalho também pode marcar a maternidade de uma maneira muito intensa e negativa. No relato de Joana, com base na sua vivência como filha e com base na sua atuação numa ONG para mulheres profissionais do sexo, ela expõe o quanto esse trabalho faz com que as mulheres sejam questionadas enquanto mães. Muitas são ameaçadas pelos companheiros de perderem a guarda dos filhos por serem prostitutas. Joana tem 24 anos, é branca, tem uma filha, trabalha como autônoma e está fazendo faculdade, com uma bolsa integral, conseguida através da sua atuação numa ONG. A renda familiar está entre 2 e 5 salários mínimos, sendo que 80% vem do trabalho da sua mãe:

Mãe é mãe, não quer perder filho nenhum. Ainda mais que muitas que estão trabalhando com prostituição é pra sustentar o filho, pra dar uma vida melhor. Eu sei pela minha mãe também que a vida inteira fez isto por causa da gente.

Essa marca que a prostituição imprime sobre a maternidade, além de negar a legitimidade dessa mulher enquanto mãe, transfere a desvalorização moral desse trabalho para o filho. Ser chamado de “filho da puta” é geralmente⁹, um insulto, uma injúria. Essa fala mostra um pouco a relação de Joana com o tema da prostituição, por hora ela se mantém distante, porque nunca foi uma profissional do sexo. No entanto, a profissão da mãe traz uma marca muito importante na possibilidade dela também assumir essa bandeira.

De forma semelhante, mas não tão forte, visto que socialmente isso não está tão marcado, Lisiane experimenta o não reconhecimento da maternidade pelo fato de estar vinculada a diferentes movimentos sociais. Esse envolvimento político é desaprovado por sua família que em função disso, a desautoriza com os filhos: “Elas já me perguntaram, porque tu não vai embora e deixa as crianças aqui com a gente, aí tu vai, vive esse teu mundo de liderança, de feminismo, de solidariedade de ser não sei o que.”

No entanto, para ela as duas esferas estão intimamente associadas e produzem uma a outra: “E o que eu acho mais engraçado é que quando eu estou dentro de casa e falo do movimento social e quando eu estou no movimento social eu falo dos meus filhos.”

Da mesma forma que Lisiane coloca essas esferas em conexão, a perspectiva geral é que esses campos de atuação não têm como estar dissociados. Produzem-se nos enunciados que circulam numa ou noutra esfera, mutuamente. Dessa forma, os movimentos históricos passam a estabelecer modos de ser trabalhadora e de ser mãe vão instigando transformações mútuas, tanto pelas aproximações, quanto pelas tensões que representam.

“Não seria Boa Mãe se não Trabalhasse” – Articulações Possíveis e/ou Necessárias

Pensar a articulação entre maternidade e trabalho é também pensar os enunciados que definem o que é ser mulher hoje. Num momento anterior, em contraposição ao que vemos hoje, poderia ser identificada uma divisão mais rígida nos modos de ser homem e de ser mulher, produzindo e/ou restringindo modos de trabalhar

⁹ Os sentidos a isso associados não são únicos, encontramos para essa expressão não apenas o significado de ofensa, que é o mais comum (expressão utilizada com a intenção de ofender alguém, afetando a sua mãe), mas também o significado de inveja – Expressão utilizada no sentido de invejar alguém, seja por sorte, treinamento, estudo, competência, etc. (Mas que filho da puta! Como conseguiu isso?) (Filho da puta, 2009).

e de maternar/paternar para mulheres e homens, simplificada no enunciado: homem provedor (financeiro) e mulher mantenedora (afetiva).

Hoje com a diluição desses limites, criam-se novas possibilidades de circulação nessas posições, mas mantêm-se alguns imperativos. Existem enunciados, provenientes da esfera do trabalho, onde a utilidade e a própria cidadania se vinculam ao exercício de um trabalho remunerado. Nesse sentido, a mulher passa a ser considerada bem sucedida quando faz uma interessante articulação entre maternidade e trabalho.

Nas trajetórias de vida aqui estudadas, esses enunciados aparecem quando algumas mulheres se questionaram se deveriam continuar exercendo as duas funções ao mesmo tempo. Claro que nesse caso, o que está em questão é se sairiam ou não do trabalho, visto que, já tendo filhos, a função de mãe não chega a ser cogitada por essas mulheres como uma escolha.

Para Débora, o retorno ao trabalho foi um momento em que ela se questiona sobre a articulação entre maternidade e trabalho:

Ela [a filha] precisava de mim e eu estava me afastando, mas eu percebi que não, que ela ia crescer que daqui um pouco ela vai ter dez anos e ela queria ter uma mãe produtiva, uma mãe que trabalhasse, mas as primeiras sensações foram horríveis, péssimas, mas eu enfrentei, continuei trabalhando.

Com base no enunciado que define que pessoa produtiva é aquela que trabalha, a vontade de permanecer trabalhando está fundamentada no desejo de que a filha venha a sentir orgulho dela enquanto trabalhadora. No relato de Débora, não bastaria que ela fosse uma boa mãe para que sua filha.

Já no relato de Iara, a esfera do trabalho surge na relação com os filhos como uma cobrança pela falta de tempo disponível. Nesse relato a permanência no trabalho está fundamentada no enunciado que o associa à satisfação pessoal:

Porque um dia o Arthur me disse, mas mãe, tu trabalha, trabalha, trabalha e tu nunca tem dinheiro. Então eu acho que no momento que tu diz para os filhos que tu trabalha pelo dinheiro, de certa forma tu está enganando eles, porque tu não trabalha só em função disso. E eu principalmente trabalho porque realmente eu gosto.

Chama atenção que também Iara enquanto filha tinha cobranças semelhantes. No entanto, agora como mãe, entende que o trabalho possibilita (e possibilitou para sua mãe) um modo suportável de ser mãe (e dona de casa):

Na minha adolescência eu briguei muito com ela e muitas vezes eu jogava na cara dela que ela trabalhava demais, que ela não dava atenção para a gente, que eu não queria empregada, que eu queria mãe. E por outro lado acho que se minha mãe fosse uma dona de casa ela seria uma pessoa insuportável.

Há então, alguns enunciados que vão sendo evocados por essas mulheres e que dão pistas sobre esse imperativo contemporâneo de que ser mulher é ser não somente mãe e não somente trabalhadora, mas “conciliar”¹⁰ essas duas funções. No entanto, para além de pensar essa articulação como um imperativo ou como um problema, podemos pensar nessa articulação como um suporte. Ou seja, alguns enunciados colocam a maternidade como um suporte para o trabalho – desenvolvendo habilidades que são também necessárias no trabalho ou justificando que é através desse que se dá condição de existência para os filhos – e outros colocam o trabalho como um suporte para a maternidade – a necessidade de permanecer trabalhando como forma de suportar algumas exigências da maternidade.

No relato de Aline, quando fala da importância do trabalho para sua vida, faz uma conexão com a maternidade, referindo que a boa qualidade da maternidade está associada a sua atuação profissional. Imagina que é possível ser uma boa mãe porque trabalha fora e não fica unicamente com a tarefa dos cuidados com a filha:

Mas eu gostei de voltar a trabalhar, me senti útil, me senti não só mãe. Eu acho que como mãe a gente se realiza, mas a gente precisa ter um lado da gente, assim. Eu acho que eu não seria uma mãe boa se eu não trabalhasse fora, não ia ser uma mãe tão boa assim.

Nesses enunciados, o trabalho é investido de um valor positivo muito significativo, em comparação com a tarefa do cuidado associado à maternidade e às tarefas domésticas. Há nessas falas a marca histórica associada ao trabalho doméstico, desvalorizado socialmente. Janete tem 57 anos, é branca, separada, tem quatro filhos, trabalha na área da educação. A renda familiar depende praticamente dela e está entre 5 e 10 salários mínimos:

¹⁰ A utilização tão recorrente desse termo “Conciliação” (Do Lat. *Conciliare* v. tr.: harmonizar, congruar, reconciliar) (Conciliação, 2009) para falar sobre a articulação entre maternidade e trabalho e as suas possíveis implicações foi analisada num trabalho anterior apresentado em um Congresso e apontam para a construção dessa articulação enquanto um problema, pois estabelece trabalho e maternidade como esferas desarmônicas e opostas, devendo os efeitos dessa tensão serem amenizados (Moreira & Nardi, 2007). Hirata & Kergoat (2007) alertam para o fato da “conciliação” hoje adquirir o estatuto de política – e de política europeia a partir da cúpula de Luxemburgo em 1997. Essa é fortemente sexuada, visto que define implicitamente um único ator (ou atriz) dessa “conciliação”: as mulheres, e consagra o *status quo* segundo o qual homens e mulheres não são iguais perante o trabalho profissional. Diante dessa hierarquia, há críticas que propõem intensificar a dificuldade no exercício dessas funções, substituindo termos como “conciliação”, ou mesmo “articulação”, por “conflito”, “tensão”, “contradição” para evidenciar a natureza fundamentalmente conflituosa da incumbência simultânea de responsabilidades profissionais e familiares às mulheres (Hirata & Kergoat, 2007, p. 604).

Mesmo quando eu saía para trabalhar, com eles pequenos, era assim, como eu não gosto dessa coisa de casa né, era uma terapia, era o meu lazer. Eu saía e estava certo. Se eu não trabalhasse, eu iria sair para um cinema. Eu nunca me autorizei a fazer isso. Então eu saía com a minha autorização porque eu estava fazendo uma coisa certa. Não interessava quanto eu ganhava, eu poderia pagar para trabalhar, mas eu estava me autorizando a sair daquele mundo que eu não gostava a ir para outro e fazendo a coisa certa, dentro do certinho, do quadradinho.

Pesa também nessa valorização do trabalho em relação à maternidade a norma do que é ser boa mãe, que parece não permitir muitos modos de ser mãe. Além disso, a maternidade é sempre entendida como um caminho sem volta. Em contraposição, os enunciados relativos ao trabalho podem, no limite, ser neutralizados pela saída da trabalhadora do mercado ou daquele trabalho específico, claro que essa mobilidade estará possibilitada de forma mais tranqüila (ou não) conforme o contexto social em que ela se insere. Ou seja, num extremo, onde os enunciados do trabalho provoquem muito sofrimento, a mulher pode de alguma forma sair do trabalho, até o limite onde isso colocará em risco a sobrevivência sua e de seus familiares. Já em relação à maternidade, não há essa mobilidade, a menos que a mãe abandone o/s filho/s, mas essa é uma situação, que nesse momento histórico, é condenada de forma severa.

Nesse sentido, o trabalho é um modo de não estar colocada na posição de mãe integralmente, sujeito desses intensos enunciados e solicitada a dar conta de diferentes tarefas. Claro que ele não é a única forma, mas com certeza é uma forma moralmente bem aceita.

É por meio desse enunciado que posso situar a fala de Denise, trazida com bastante angústia. Trabalha na educação infantil e está sempre em companhia da filha, mas procura manter uma outra postura no ambiente de trabalho: “Então, como mãe sobra pouco tempo. Aqui eu tento não ser mãe dela, aqui eu tenho que ser profissional.” No entanto, essa “mistura” parece fazer com que o trabalho não seja esse suporte para a maternidade, pois não permite um distanciamento dessa função:

Ah eu passo o dia todo perto dela... Esses dias, uma colega me disse. Ah, eu to com saudade da minha filha. Ah, que bom que tu ta sentindo saudade. Eu acho que eu acabo deixando um pouquinho de brincar com ela, por ficar cansada dela, entende, não cansada, é que eu passo o dia todo com ela.

Além disso, fica explícito nessa fala de Denise que não seria tolerável que uma mãe ficasse cansada da filha. O trabalho aqui figura como um distanciamento aceitável ou justificável dos filhos e quando não cumpre essa função, sobrecarrega.

Considerações Finais

Diante dessas reflexões foi possível lançar um olhar, através das trajetórias de vida de mulheres mães e trabalhadoras, para a articulação entre maternidade e trabalho. Pensar a maternidade e o trabalho através do relato dessas mulheres ultrapassa as próprias trajetórias de vida analisadas nesse trabalho. Se os enunciados que constituem tanto o trabalho quanto a maternidade incidem diretamente nessas mulheres, produzindo modos de ser mãe e de ser trabalhadora, eles indiretamente também produzem outros sujeitos. Aquelas mulheres que não são mães estão imersas nos discursos que produzem a maternidade ou, ainda, aquelas mulheres que não trabalham estão implicadas nos enunciados que constituem modos de trabalhar. Ou, ainda, podemos pensar a implicação desses enunciados para homens, tendo em vista que alguns modos de ser mãe constituem também modos de ser pai. Podemos pensar também sobre os enunciados acerca do trabalho, que posiciona diferentemente mulheres e homens no mercado. Ou, ainda, podemos pensar a implicação dessa reflexão para além da questão heterossexual, ainda fortemente atrelada ao exercício da parentalidade.

Nesse sentido, o desafio foi conduzir uma pesquisa que problematizasse os enunciados que operam no exercício da maternidade e do trabalho e se inscrevem na trajetória de vida das mulheres que participaram da pesquisa. Ao mesmo tempo em que se faz isso, se entende que esses enunciados também constroem outros lugares possíveis, que podem capturar os sujeitos de diferentes formas – mulheres que não são mães ou que não são trabalhadoras, homens pais e não pais, casais heterossexuais, casais homossexuais.

A tentativa de responder a pergunta: “Como trabalho e maternidade se articulam nos processos de subjetivação de mulheres inseridas em diferentes contextos sociais”, não com uma única resposta, possibilitou o surgimento de diversas reflexões. Em relação à maternidade, as reflexões possibilitaram compreender a norma que a desenha como experiência igual para todas as mulheres. Em relação ao trabalho, as reflexões explicitaram as transformações e intensificações dos enunciados acerca das exigências e qualificações de uma boa trabalhadora, diante da instabilidade representada pelo mercado de trabalho e possibilitaram também pensar outras alternativas e definições do que se considera trabalho.

Diante do que se produz como enunciados a respeito do trabalho e a respeito da maternidade produzem-se outros enunciados acerca da articulação dessas duas funções. Seja através da tentativa de conciliação – tomado de antemão essa articulação como problemática e capturando as mulheres ao propor soluções, seja enten-

dendo que essas funções se produzem mutuamente – a maternidade produz modos de trabalhar e o trabalho propõe modos de ser mãe, seja ainda uma tentativa de assumir essa função sem ser integralmente capturada por nenhum desses enunciados.

Nesse sentido, mostrou-se pertinente colocar em suspensão o exercício dessas duas funções como “problema” da mulher na contemporaneidade. Desconstruir a problemática da articulação entre maternidade e trabalho, não quer dizer que ser mãe e ser trabalhadora sejam tarefas fáceis (esse julgamento não foi colocado como uma questão de pesquisa), mas permitiu pensar nas diferentes questões implicadas na produção desse enunciado. Primeiramente, porque não temos como falar de “uma” mulher na contemporaneidade como uma identidade estável, fixa ou independente do contexto social e de outros marcadores.

Além disso, colocar esse como um problema “da” mulher, mantém a idéia de que essas – mais especificamente o cuidado dos filhos – são funções “naturalmente” femininas. Essa responsabilização materna invisibiliza outros sujeitos que poderiam assumir ou compartilhar essas funções, como outras figuras familiares, em especial os pais, ou ainda avós, avôs, tios e tias e como outras instâncias públicas, como instituições de educação infantil. Numa análise sobre a tensão de algumas políticas públicas que posicionam diferentemente homens e mulheres, como por exemplo, na licença maternidade e paternidade, Yannoulas (2002) chama atenção para certo dilema. Defender esses “privilegios” das mulheres tende a reforçar a idéia de que a reprodução biológica e social das sociedades depende, quase que exclusivamente, delas. Ao passo que buscar uma cidadania mais ampla e igualitária pode ser entendida como um retrocesso na luta pelos direitos das mulheres em termos de maternidade.

No entanto, a autora propõe uma mudança de foco, entendendo esse impasse como produto da “diminuição de provisão de serviços pelo Estado e o conseqüente aumento do trabalho de reprodução social, culturalmente atribuído às mulheres” (Yannoulas, 2002). A autora propõe a articulação entre trabalho e maternidade/paternidade como atribuição de homens e mulheres, associada com a provisão estatal de bem-estar. Da mesma forma, numa análise sobre as mudanças e persistências na conciliação entre família e trabalho pago, Araújo e Scalón (2006) atentam para a importância da mediação do Estado nessa relação.

Nesse sentido, há implicações importantes, em especial na vida das mulheres, pelo fato das políticas não terem sido revistas apesar das transformações na esfera do trabalho e da família: “o baixo desenvolvimento de serviços coletivos que permitem socializar os custos dos

cuidados com a família penaliza a quantidade e qualidade da inserção feminina, sobretudo das mães, no mercado de trabalho” (Sorj, Fontes, & Machado, 2007, p. 574).

Dessa forma, esperamos que o presente trabalho, buscando compreender como maternidade e trabalho se articulam nos modos de subjetivação dessas mulheres, tenha possibilitado uma reflexão sobre essas duas funções sociais tão investidas e transformadas – a parentalidade e o trabalho.

Referências

- Anjos, G. (2007, jan./abr.). Maternidade, cuidados do corpo e “civilização” na Pastoral da Criança. *Revista Estudos Feministas* (Florianópolis), 15(1), 27-44.
- Araújo, C., & Scalón, C. (2006, out.). Gênero e a distância entre a intenção e o gesto. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 21(62), 45-68.
- Bauman, Z. (1998). *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Castel, R. (1998). *As metamorfoses da questão social: Uma crônica do salário*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Conciliação. (2009). *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. Lisboa, Portugal: Priberam Informática. Retrieved from <http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=conciliação>
- Dócil. (2009). *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. Lisboa, Portugal: Priberam Informática. Retrieved from <http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=Dócil>
- Fidalgo, L. (2003). *(Re)construir a maternidade numa perspectiva discursiva*. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget.
- Filho da puta. (2009). *Wickcionário*. Washington, DC: Wikimedia Foundation. Retrieved from http://pt.wiktionary.org/wiki/filho_da_puta
- Fonseca, C. (1999, jan./abr.). Quando cada caso NÃO é um caso. Pesquisa etnográfica e educação. *Revista Brasileira de Educação*, 10, 58-78.
- Forna, A. (1999). *Mãe de todos os mitos. Como a sociedade modela e reprime as mães*. Rio de Janeiro, RJ: Ediouro.
- Foucault, M. (1995). Nietzsche, a genealogia e a história. In R. Machado (Ed.), *Microfísica do poder* (11. ed., pp. 15-38). Rio de Janeiro, RJ: Graal.
- Foucault, M. (2005). *A arqueologia do saber* (7. ed). Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária.
- Hirata, H., & Kergoat, D. (2007, set./dez.). Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, 37(132), 595-609.
- Klein, C. (2005, jan./abr.). A produção da maternidade no Programa Bolsa-Escola. *Revista Estudos Feministas* (Florianópolis), 13(1), 31-52.
- Marcello, F. A. (2005, maio/ago.). Enunciar-se, organizar-se, controlar-se: Modos de subjetivação feminina no dispositivo da maternidade. *Revista Brasileira de Educação* (Rio de Janeiro), 29, 139-152.
- Meyer, D. E. E. (2006). A politização contemporânea da maternidade: Construindo um argumento. *Revista Gênero* (Niterói), 6(1), 81-104.
- Moreira, L. E. (2008). “*Vida de equilibrista*”? Mães trabalhadoras em diferentes contextos sociais. Dissertação de Mestrado não-publicada, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.
- Moreira, L. E., & Nardi, H. C. (2007). “*Conciliar é possível*”? Trabalho e maternidade em recortes da mídia contemporânea. Paper presented at the Seminário Corpo Gênero Sexualidade: Discutindo Práticas Educativas, Rio Grande, RS.

- Moreira, L. E., & Nardi, H. C. (2009, *mai./ago.*). Mãe é tudo igual? Enunciados produzindo maternidade(s) contemporânea(s). *Rev. Estud. Fem.*—[on-line]. 17(2):569-.
- Nardi, H. C. (2006). *Ética, trabalho e subjetividade: Trajetórias de vida no contexto das transformações do capitalismo contemporâneo*. Porto Alegre, RS: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Narvaz, M. G., Nardi, H. C., & Morales, B. (2006). Nas tramas do discurso: A abordagem discursiva de Michel Pêcheux e de Michel Foucault. *Revista de Psicologia Política*, 6(12).
- Schwengber, M. S. V. (2006). *Donas de si? A educação de corpos grávidos no contexto da Pais & Filhos*. Tese de Doutorado não-publicada, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.
- Sorj, B., Fontes, A., & Machado, D. C. (2007, set./dez.). Políticas e práticas de conciliação entre família e trabalho no Brasil. *Cadernos de Pesquisa*, 37(132), 573-594.
- Tittoni, J. (2007). *Trabalho, poder e sujeição: Trajetórias entre o emprego, o desemprego e os “novos” modos de trabalhar*. Porto Alegre, RS: Dom Quixote.
- Yannoulas, S. C. (2002). *Dossiê: Políticas públicas e relações de gênero no mercado de trabalho*. Brasília, DF: Centro Feminista de Estudos e Assessoria.

Received 08/03/2009
Accepted 09/06/2009

Lisandra Espíndula Moreira. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.
Henrique Caetano Nardi. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.

Anexo**Roteiro****1) Identificação e dados objetivos**

- Pessoal: nome, idade, estado civil, religião, cor, escolaridade, naturalidade;
- Família: profissão dos membros, idade, estado civil, número de filhos/as do pai/mãe/irmãos;
- Profissão do companheiro/esposo/pai do/a filho/a;
- Renda familiar: renda total e participação de outros na renda familiar;
- Trabalho: idade que começou a trabalhar, tipos de trabalho e período, função atual, vínculo, carga horária;
- Maternidade: idade que se tornou mãe, número de filhos/as, idade dos filhos/as, pessoas ou instituições que participam dos cuidados com as/os filhas/os.

2) Questões abertas – Feitas ao longo do relato da história de vida*Maternidade*

- Como era a sua vida antes de ser mãe?
- Como foi a chegada do primeiro filho? Foi planejado?
- E para a família como foi a chegada de mais um membro?
- Que mudanças na sua vida você atribui a esse momento?
- Era como você esperava?
- Caso tenha mais de um filho: Como foi a chegada dos outros filhos? Foram planejados? Houve mudanças com o nascimento dos outros filhos? Mudou o jeito de ser mãe?
- Pensa em ter outros filhos? Por quê?
- O que é ser mãe pra você?
- Quando tem dúvida ou dificuldade como mãe, ao que recorre? Onde ou com quem esclarece as dúvidas?
- Tem alguém que te serve como exemplo de mãe? Como essa pessoa é?
- Você acha que houve mudanças no jeito de ser mãe e nos cuidados com as crianças nos últimos anos? Como era antes e como é hoje? O que mudou?
- Quais as tarefas que assume com a/o(s) filho/a(as/os)?
- Quais tarefas tu entendes que sejam responsabilidades específicas da mãe?
- Que habilidades são necessárias para essas atividades?
- Quem mais participa dos cuidados com a criança (pessoas, instituições)? Como são divididas as atividades?
- Qual o papel do pai no cuidado com o/a filho/a? Ele trabalha? Como ele divide suas tarefas entre o trabalho e a casa? Como você vê essa atuação?

Trabalho

- Como foi o início da vida profissional?
- Você trabalhou naquilo que escolheu ou teve que pegar o que apareceu?
- Que mudanças foram necessárias quando começou a trabalhar?
- Era o que você esperava?
- O que é um trabalho ideal pra você?
- Qual a importância do trabalho em sua vida?
- E para a sua família?
- Você acha que o modo de trabalhar e os tipos de trabalho mudaram nos últimos anos? Como era antes e como é hoje? O que mudou?
- Como é o seu trabalho hoje? Cotidiano, tarefas, habilidades necessárias.
- O que é pra você ser uma boa trabalhadora?
- Você se orgulha da sua profissão?
- Você percebe alguma diferença por ser uma mulher no mercado de trabalho?
- O trabalho da mulher é diferente do trabalho do homem? Por quê?
- Em casa, como é a divisão das tarefas?

Mãe trabalhadora

- Quando começou a exercer as duas funções de mãe e trabalhadora?
- Como foi esse período?
- O que mudou no seu jeito de trabalhar ou no seu jeito de ser mãe?
- O que foi positivo? E quais as dificuldades?
- Como é um dia típico para você?
- Como é a divisão do seu tempo entre o trabalho, a família e o lazer?
- Você acha que a rotina das mulheres mudou nos últimos anos? Por quê?

Futuro

- O que você espera do futuro?
- O que você desejava para sua vida até o momento, você alcançou? Quais eram seus objetivos?
- Para você, o que é ser feliz?
- O que você espera da sua vida profissional?
- O que você quer para o futuro dos/as seus/suas filhos/as?
- Você sente segurança para planejar o futuro?